

JORNAL

JORNAL

JORNAL

Q²

→ EDIÇÃO
DIY



Fatumata
Kadeirado, MJ
Rabiosa
Vénus em Fúrias
BOTA
Cadê Elas?
Bazofo & Dentu Zona
Violeta Padilha & Juca
Herlander, O Gato Mariano, Akila
Dois Punks e um Bolo de Bolacha

Jornal Q #2

Uma publicação da Rádio Quântica

Edição: Catarina Teixeira, Inês Coutinho e marum

Design editorial: Nuno Rodrigues

Ilustração e cartaz: Nuno Rodrigues

Edição de texto: Catarina Teixeira, Inês Coutinho e marum

Produção: Catarina Teixeira, Inês Coutinho, marum e Nuno Rodrigues

Ideia e conceito original: Bruno Trigo Gonçalves e Mariana Freitas

Fotos da capa: May Kamil e Nuno Rodrigues

Contribuições:

Fatumata

MJ

marum

Catarina Teixeira

Inês Coutinho

Kadeirado

Rabiosa

Vénus em Fúrias

Violeta Padilha & Juca

Herlander

O Gato Mariano

Akila

Mandacaru

BOTA

DIDI

Afrontosas

Bazofo & Dentu Zona

Dois Punks e um Bolo de Bolacha

Tiragem: 200 exemplares

Data de publicação: Dezembro de 2025

Apoio: Direção-Geral das Artes, Câmara Municipal de Lisboa

Produzido por: Quanticaonline - Associação de intervenção e difusão cultural

Estrutura financiada pela República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes

www.radioquantica.com

@quanticaonline

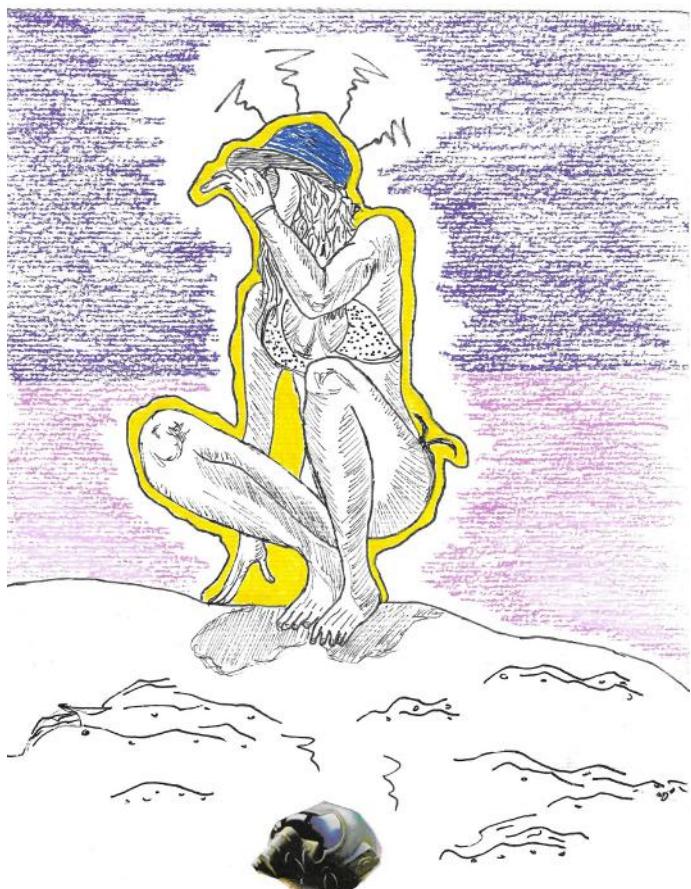




O tema desta edição é DIY: a cultura do *do it yourself* é filha da precariedade mas também da mais inovadora imaginação. Sem arte, pouca coisa valerá a pena. Por isso é que estamos a fazer tradição de abrir esta publicação com arte. Desta vez trazemos ilustrações de Kadeirado, cujas novas contribuições radiofónicas podem ser ouvidas em breve na Quântica; de MJ, tatuadora e artista visual que tem abanado os decks no estúdio e nas festas da Quântica; de Fatumata cujas obras voltamos a mostrar devido a um erro técnico na primeira edição. A fechar, um recente panfleto do coletivo artístico Vénus em Fúrias.

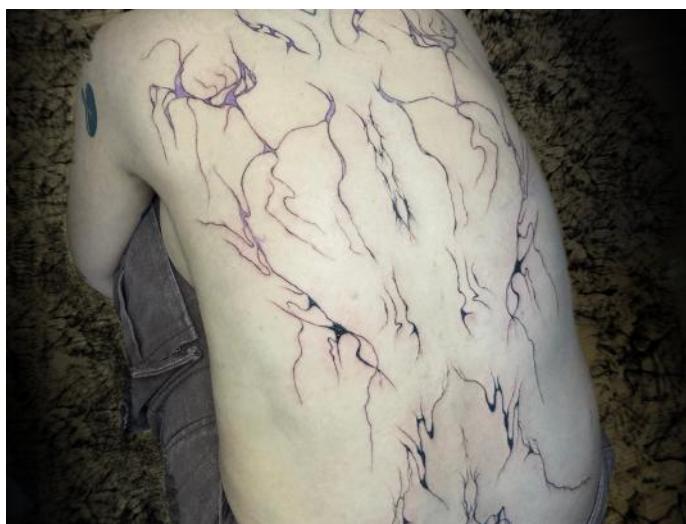
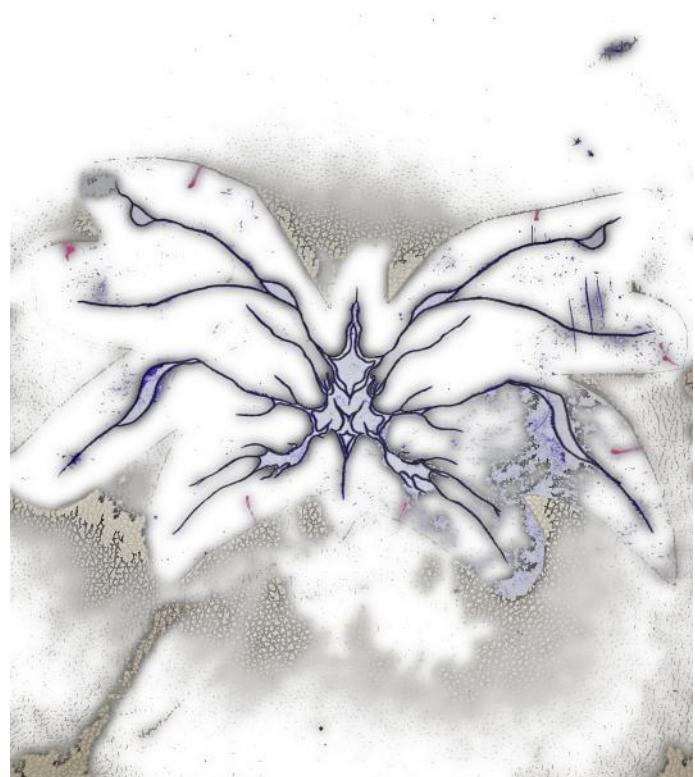
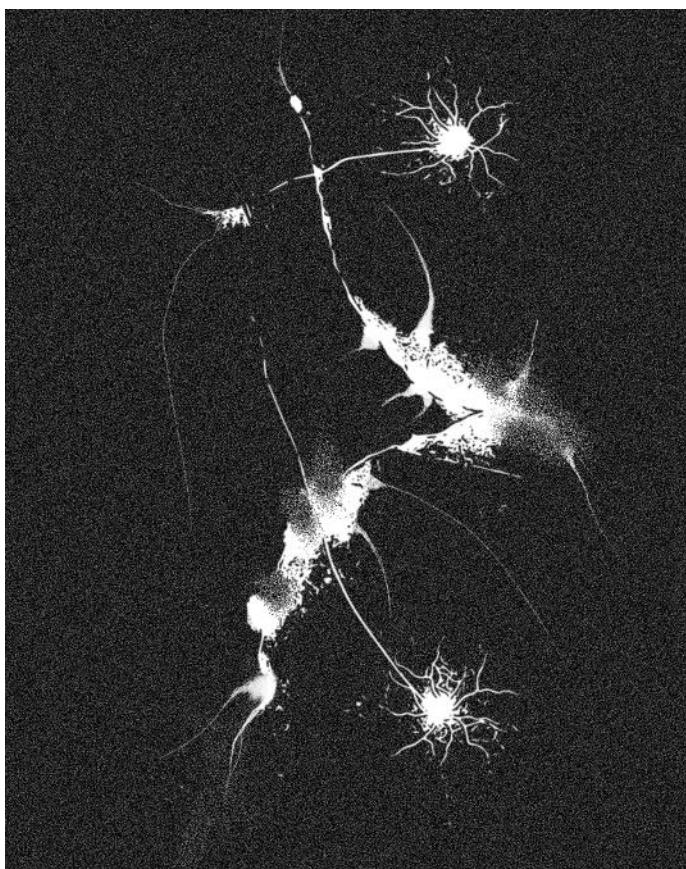


Rádio Quântica



Artista:
Kadeirado





Artista:
MJ





Fatumata, Fuga a Mar (2024)



Fatumata

Fatumata tem 21 anos e nasceu em Lisboa, por pais guineenses. É artista e pessoa multidisciplinar, - artista visual, plástico e estudante de Ciências Sociais. Apesar de alguma distância entre as áreas, considera serem diferentes expressões de necessidades vindas de lugares similares. O seu foco artístico passa pela exploração e criação de imaginários pretos e queer, tal como das realidades e identidades comunitárias, - uma tentativa pseudo obsessiva de perceber o mundo nas suas formas e forças estruturais, ao mesmo tempo que materializa o expressar de experiência(s) pessoais e/ou coletivas dos seus contextos identitários, representando um ponto interseccional de si, e do seu trabalho. A sua arte acaba portanto por representar um caminho que não passa apenas por uma pintura de imaginários, mais ou menos surrealistas, materializando-se em mais do que uma (re)criação, reposição de realidades imaginadas, destruídas e/ou interrompidas, configurando-se em pinturas de corpos e cenários afro-queer centrados, em prol de uma mutação de intersubjetividades.

A sua prática artística tem decorrido nos últimos 4 anos, apresentando trabalho de pintura digital, pintura a óleo e, mais recentemente, a exploração de cerâmica não tradicional. No ano passado, teve a oportunidade de ilustrar um conto de um livro infanto-juvenil, titulado de “A Srª Hi Ena, Alex, Yusef e um Rastro de Purpurinas” (2024).

Visita o instagram
de Fatumata



Na edição passada, escrevemos incorretamente o nome de Fatumata e algumas das imagens foram publicadas cortadas devido a um lapso técnico nosso. Publicamos agora o conteúdo na íntegra, como deveria ter saído originalmente. Pedimos desculpa pelo erro e agradecemos a compreensão.



Fatumata, Abril nasceu em África (2024)

COCKTAIL DO MÊS

VENUS EM FÚRIAS

#3

MINDFULNESS NESS NESS NESS...

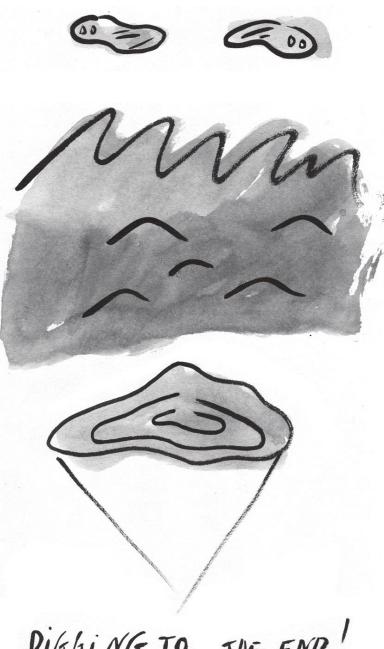
Mente vazia,
oficina do
diabo, diz o ditado.
Mas, vamulá só ver, en-
quanto Adão estava no
paraíso, na mitologia ju-
daico-cristo-muçulmana,

sob a
proteção
de deus,
ele não fazia **NADA**.
Pasmaceira terrível. Por
isso, ansiou pela fruta.



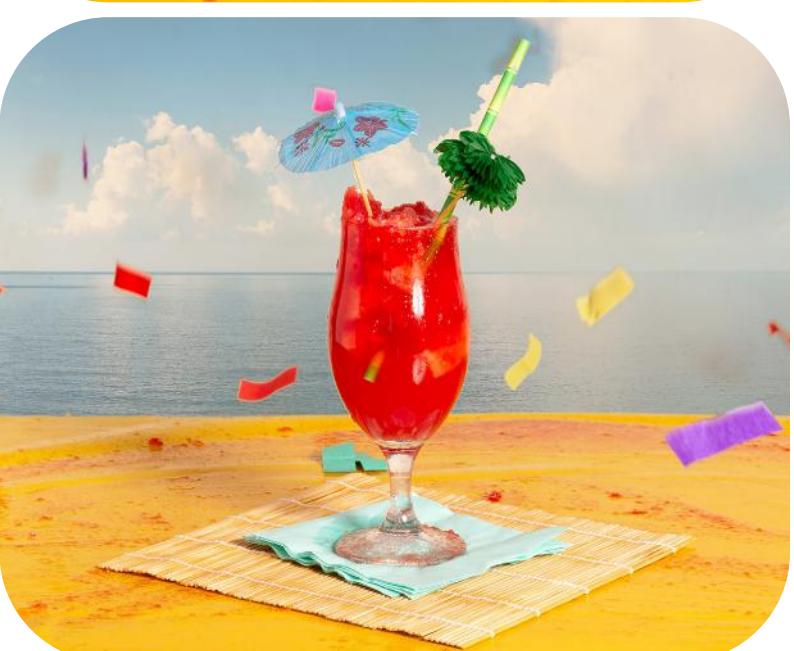
Não foi fome, foi tédio.
E culpou Eva, cobarde.
E juntos culparam o
Diabo, pobre desgraçado.

De depois da fruta, foi sempre
a trabalhar, inventando,
engenhoando, suando, e complicando a
vida com premissas filosóficas. Quando
finalmente quis descansar, atiraram-lhe
com o mindfulness e afins:



DIGGING TO THE END!

“Tens cinco
minutos para
alinhares os teus
crachás, pegar
no teu chacra
e ir para a
próxima
reunião. Se
burnoutares,
culpa tua. Não
venhas cá com
melancolia.
Demos-te o
anzol, pesca.
Namasté. Sê
produtivo.”

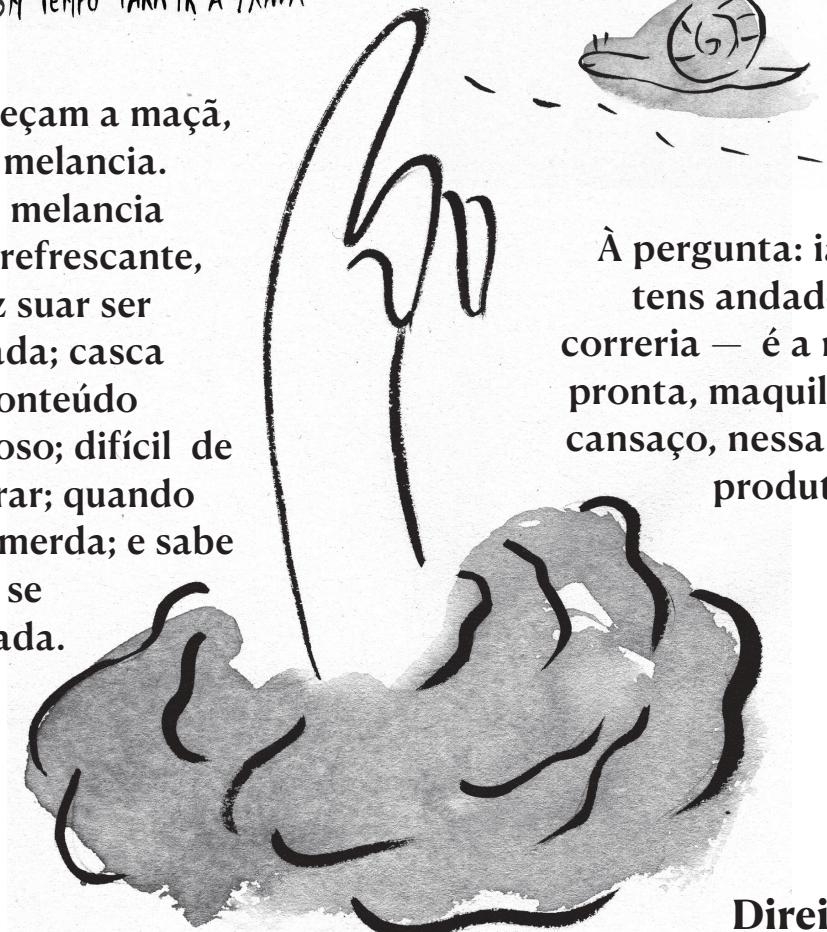


Adão comeu a fruta porque queria poder decidir, queria poder pensar, queria ser livre. Não produtivo.



SE O MUNDO VAI ACABAR
AO MENOS QUE ESTEJA
BOM TEMPO PARA IR À PRAIA

Esqueçam a maçã,
Era melancia.
Provas: melancia parece refrescante, mas faz suar ser carregada; casca dura, conteúdo gelatinoso; difícil de equilibrar; quando cai faz merda; e sabe melhor se partilhada.



Continuando:
por vingança, deus fez-lhe carregar a melancia. Grande, pesada, escorregadia, imponente, a babar água pela parte mordida. Tudo só para mostrar o “muito trabalho”. dizem — Olhó tamanho da melancia!

Pessoas ocupadas. E vão eles, sem tempo para a cortar, muito menos para a saborear. E vamos também nós com a nossa, a passar pela vida, ou a vida a passar por nós, orgulhosos de podermos sempre responder “estou ocupado”



À pergunta: iaí, como tens andado? — Em correria — é a resposta pronta, maquilhando o cansaço, nessa ideia de produtividade.



Direito ao ócio? Esquece.

É preciso ter sorte para o ter. Anseio mesmo pela preguiça, mas na falta disso, venha o ócio. É nesse espaço que o pensamento acontece. Pensamento, entenda-se, não essa mera atividade de conectar dados ou formular conjecturas,

mas a capacidade de agir, de ter ideias e de tentar concretizá-las, independentemente do resultado, ou de ter ideias e de recusar a ação, o que pode ser também um ato.

Quem não tem tempo para o ócio, não pensa. E quem não pensa, não age. E quem não age... aceita. Submete-se.

O direito ao ócio não é um luxo, é mesmo um direito. É preciso abrir a oficina, esvaziar a mente das exigências quotidianas, pois é pelo ócio que conseguimos imaginar outros mundos, outras formas de estar e outras frutas proibidas ainda por morder.

Que o trabalho seja uma escolha e não imposição. Haja espaço para pensar.

SEM ÓCIO, NÃO HÁ PENSAMENTO. SÓ SUBMISSÃO.

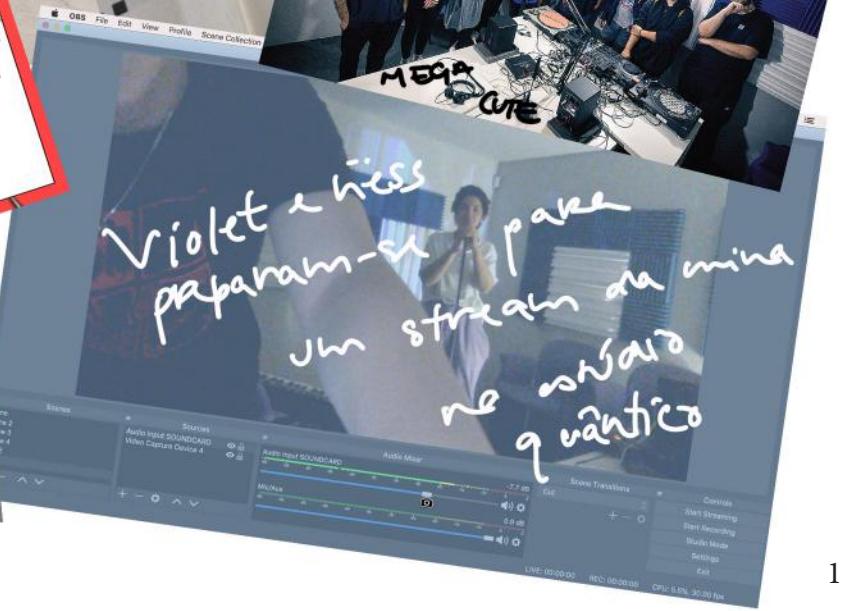
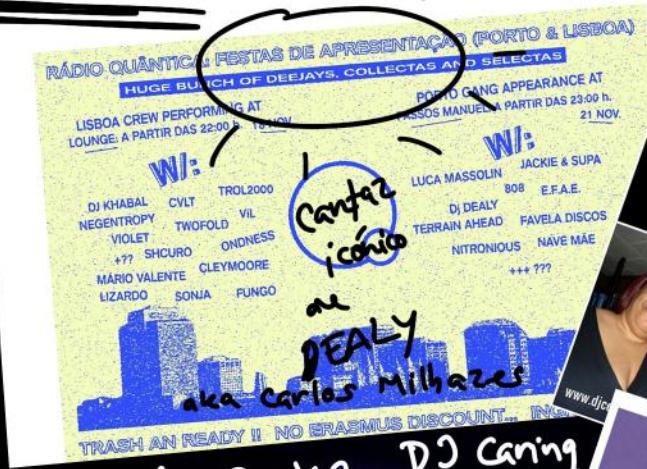
junho 2025



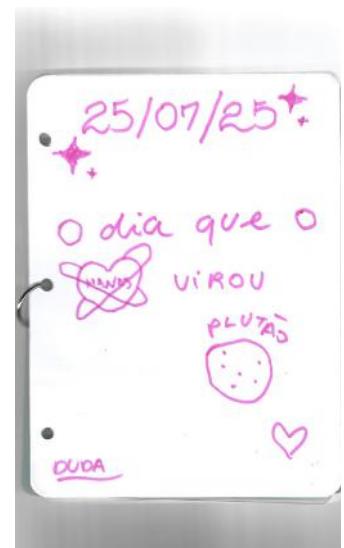
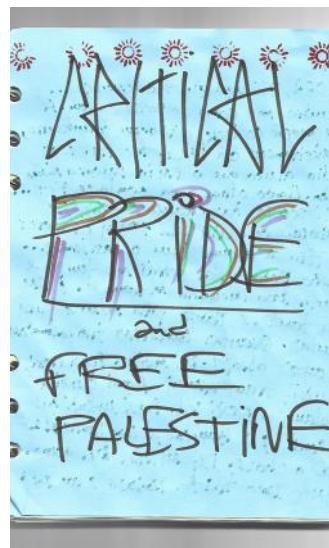
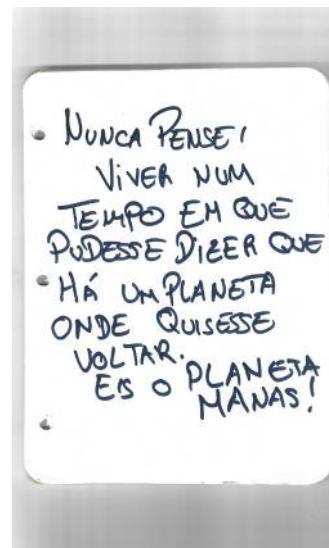
Abrimos este caderno em nostalgias, que isto de cultivar
comunidade também é sobre preservar histórias.

Passamos por episódios anotados da última década de vida
da Quântica, por testemunhos emocionados escritos na última
noite do eterno Planeta Manas, por algumas das oficinas
de artes de 2025 e uma reflexão conjunta das fundadoras
do projeto Rabiosa sobre curadoria latina.

QTC - memórias 2015-2025



durante anos recebendo shows mensais da veterana DJ Detroit)



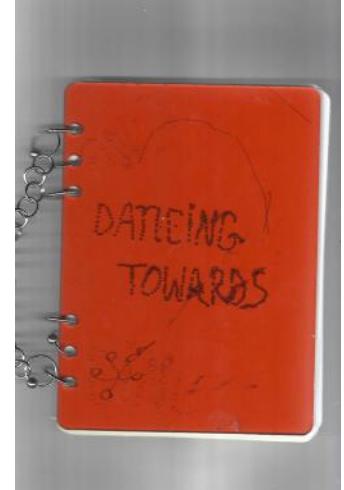
Planeta Manas is the safest place to have a bad trip and the most encouraging place to have great ones. People who work here have the biggest hearts, and I'm sure that the soul of Manas will stay with them, just to be REBORN ELSEWHERE. we are forever grateful

ESSO MUNDO QUE VIVEMOS É ESTUPIDAMENTE FUDIDO E BRUTAL
SINTO QUE AQUI FINALMENTE PODE VER SENTIDO EM MINHA EXISTÊNCIA E LUTA DIÁRIA. GRATIDÃO P.M. 26.07.25

Aqui fizemos nemas aqui fizemos nemas, rosas, e raias que troparam, nos seu vestos de intrusos e luminescentes, virar a bragaç e fogos lançados entre os joelhos, leguas de sedução, canil de lentilhas e bolo de anus. Aqui é demais, aquela temido medo de ser tarde de mais é mesmo assim são raios só o sol me acorda. Retornam e curvam acertadas, marcha para a frente que ainda temos que encontrar o caminho para a catenaria da luta, todo isso depois ainda não tivemos o que tínhamos a fazer, voltamos sempre e lentamente ao mesmo ritmo, se não por pela memória nem vale a pena deslizar sim

Planeta Manas is the safest place to have a bad trip and the most encouraging place to have great ones. People who work here have the biggest hearts, and I'm sure that the soul of Manas will stay with them, just to be REBORN ELSEWHERE. we are forever grateful

ESSO MUNDO QUE VIVEMOS É ESTUPIDAMENTE FUDIDO E BRUTAL
SINTO QUE AQUI FINALMENTE PODE VER SENTIDO EM MINHA EXISTÊNCIA E LUTA DIÁRIA. GRATIDÃO P.M. 26.07.25



25/07/2025, a noite em que o Planeta Manas se tornou Plutão.

- Violeta Padilha & Juca

Há três anos, no início das nossas descobertas sobre a transgeneridade e a cena queer de Lisboa, passámos a frequentar o Planeta Manas em noites de experimentação, comunhão e descoberta. Com o Planeta Manas em mente, desenvolvemos uma instalação interativa em que, com o movimento das pessoas à frente da câmera, partículas eram animadas para formar um trecho do livro Cruising Utopias, de José Esteban Muñoz: "Queerness is not yet here". Aquilo parecia verdade no contexto, com um horizonte aberto que se expandia dentro das janelas gradeadas vibrantes, madrugada adentro.

O anúncio do fechamento do Planeta Manas, em maio deste ano, chegou como uma dinamite melancólica a soterrar uma mina que também era caverna e casa. Decidimos, então, tentar instalar finalmente aquele projeto antigo no espaço para o qual foi pensado. Mas agora, o texto soaria diferente, e as nossas histórias no espaço também. Por um lado, o sentimento de que não resta alternativa à mudança; por outro, a impressão de que sim, queerness esteve aqui. Conseguimos marcar a instalação para a penúltima mina, no dia 27 de junho.

Em contraste com as paredes, que teriam de ficar, pensamos em fazer um arquivo coletivo móvel. Assim, montamos uma zine em branco para ser preenchida durante a festa por quem tivesse vontade. Rapidamente, vimos a zine se encher de relatos, desenhos, rabiscos e notas e, ao fim da festa, tínhamos um arquivo precioso. Desse modo, em contato com o resto da comunidade, preparamos, para "A Última Mina do Planeta Manas", uma continuação com mais zines, para construirmos um arquivo e futuramente transformarmos em uma zine impressa.

Na noite de 25 de julho, espalhámos 6 zines em branco e um quadro de cortiça pela superfície do nosso planeta, para preenchermos em coletivo com sonhos, desejos, memórias, etc. Cada zine ocupou um espaço do Planeta Manas: acorrentada na grade do mina room, a zine vermelha com sua caneta de coração; nos arredores do rug floor, a zine verde e o quadro de cortiça que recebia notas; na sala atrás do bar, a zine transparente, possivelmente aquela que recebeu mais contribuições; no erogenous room, a zine azul, coberta de plástico-filme; no planeta room, a zine laranja e, por fim, a urna-zine itinerante, uma caixa trancada que recebia ainda outras notas. Mapas espalhados pelas paredes localizavam as "secret gems" da festa (intervenções com natureza própria, como instalações e performances, além das zines). Mesmo que, obviamente, no Planeta Manas, mapas nunca seriam suficientes.

Que as páginas falem por si. Deixamos aqui as imagens de algumas das notas feitas durante as duas últimas Minas do Planeta Manas. Duas zines foram perdidas: uma com a capa azul, a outra com a capa transparente. Quem ouvir de seu paradeiro e as fizer chegar às nossas mãos terá nossa gratidão, pois suas notas também poderão integrar o arquivo.

A COLONIZAÇÃO DA CURADORIA LATINA EM CLUBS EUROPEUS (?)

Caixa de entrada x

lian:e <email@gmail.com>
to ladraaaa

Out 8, 2025, 3:42 PM (há 22 horas)

Ami,

Estava aqui pensando nas questões que têm surgido nas nossas reuniões, como a vontade que temos de trazer tantes djs e produtores latines mas que ao mesmo tempo somos encaradas pela realidade precária do meio da produção de eventos em Portugal.

Sinto que Portugal ainda está tão atrasado no que toca à curadoria de artistas latines com relação ao resto da Europa. E quando há, esse espaço de curadoria, o mesmo é dado às mesmas pessoas europeias que rodam todas as festas e clubs da cidade, cortando qualquer possibilidade de uma real ligação entre promoters e artistas. Claro que isto tudo é uma forma muito capitalista de ver as coisas, como um aproveitamento do crescimento da presença da cultura latina na noite. Uma glamourização da América Latina na Europa?

Não sei... tenho pensado cada vez mais nisto, em como a Rabiosa surgiu um pouco para suprir essa necessidade de novidade, de uma presença mais abrangente da comunidade latina e ao mesmo tempo como plataforma para novos artistas ou meios artísticos. Mas por outro lado, ainda sinto que está muito entre nós e é difícil rasgar essa bolha, por mais progressista que seja a esta visão.

Confesso que é um pouco desanimador mas sei que a nossa persistência e o público fiel que nos acompanha desde o início, que vai manter a força de Rabiosa independente de qualquer obstáculo.

ladraaaa <email@gmail.com>
to lian:e

Out 9, 2025, 2:27 PM (há 9 minutos)

Pienso en homogeneización, comercialización, vaciamiento, exotización, colonialismo.

TOTAL, amiga. También pienso en esa “curaduría latina” en europa como una traducción forzada de lo latino.

Porque la cuestión no es solo quién aparece en los lineups y aquí me pongo a pensar también en la cuestión del ego del artista/dj, sino quién define el marco, quién decide cómo se lee nuestra presencia. Y quienes están haciendo “curaduría latina” están construyendo una mirada consumible de lo latino, un molde que excluye a quienes salimos de alguna manera de esos encasillamiento.

Lo que pasa en los clubs, teatros, festivales... a veces resulta ser una exotización amable, donde sí lo latino se celebra, pero solo en los lineups, no en las curadurías. Si imaginamos un espacio donde cabe lo latino, ese espacio llega *hasta ahí*, y *de aquí para allá*, ya no.

Y sí, ahí es donde RABIOSA se vuelve necesaria.

Para construir tentativas de colectivizar las fiestas, devolverle lo comunitario a la pista de baile, devolverle algún sentido. Porque “lo latino” es super diverso, inmenso, complejo, no encajable en una sola etiqueta. Y porque además, la música siempre ha sido una cuestión comunitaria, compartida, expansiva.

Entonces urge abrirlo todo: repartir el trabajo, las oportunidades, las ganancias, los privilegios y darle complejidad y profundidad a esa idea de “lo latino” como hallazgo estético. Porque sino se vuelve todo ABURRIDO! y la fiesta lo menos que puede ser es aburrida.

Memórias de oficinas de artes: Herlander, O Gato Mariano e Akila

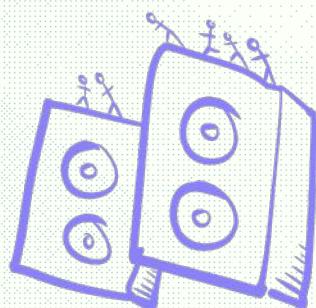
Em 2025 aconteceram várias oficinas de artes organizadas pela Quântica. Nesta peça, damos foco a três oficinas de entrada livre que aconteceram em Abril, Maio e Outubro deste ano. As primeiras duas tiveram lugar no saudoso Planeta Manas: uma oficina de voz com o multifacetado artista Herlander, autor dos singles deste ano ‘Deixa-me em paz’ e ‘Vertigens’ e uma oficina de BD com O Gato Mariano, autor do programa ‘A Voz da Ração’ na Quântica durante vários anos, afamado ilustrador e professor. A mais recente foi com Akila, a artista antigamente conhecida por Puta da Silva: uma oficina de expressão corporal que ajudou participantes a suar, rir e conectar-se com o seu corpo e as outras pessoas.

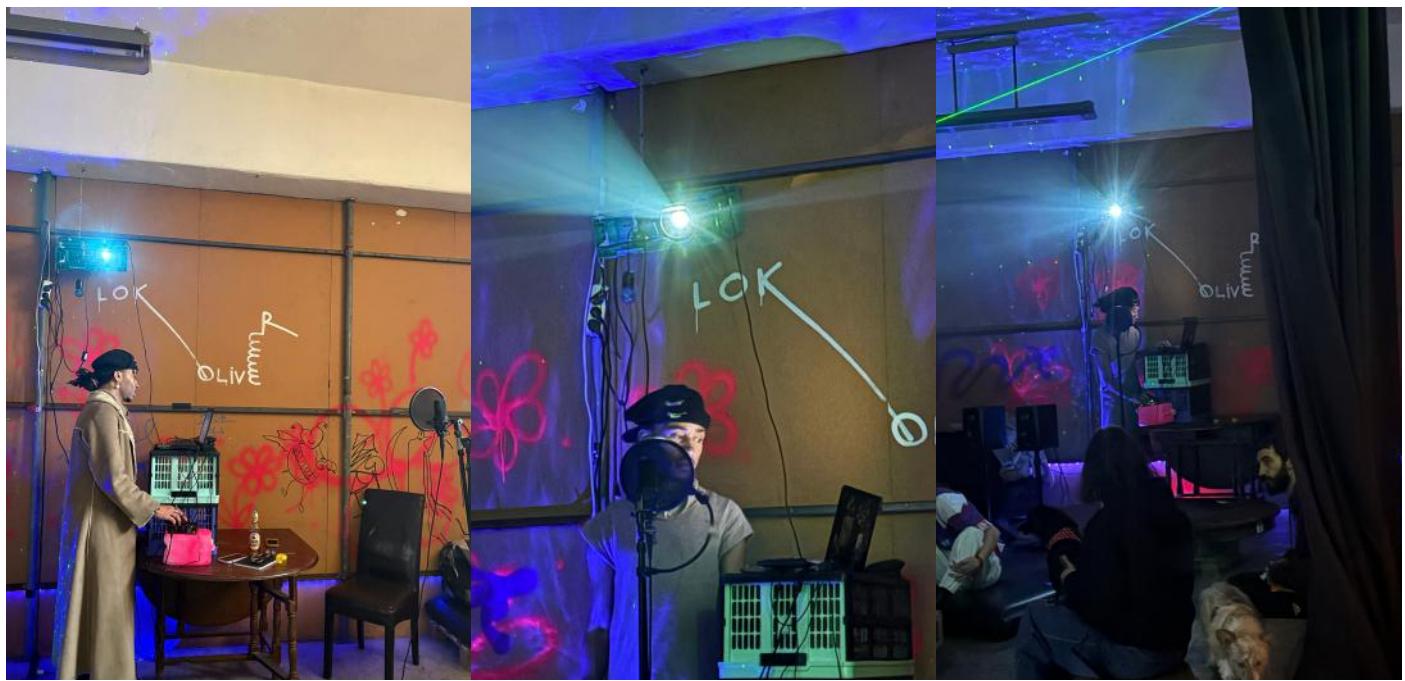
“A construção de harmonias e camadas vocais é também uma forma de explorar e de questionar limites. Pude celebrar essa liberdade ao fazer um workshop sobre vocal layering num lugar que chamo de casa, o Planeta Manas. Para mim, a música é sobre correr riscos e ampliar as nossas ideias, mesmo quando elas soam busy, loud e distorcidas. Com o workshop, quis captar a frequência de som de toda a gente presente, sem ter de ser algo overly clean, para preservar o propósito da música: expressão, reflexão e união (coisas que o PM sempre realçou tão bem ao longo dos seus anos de vida.)”

Herlander

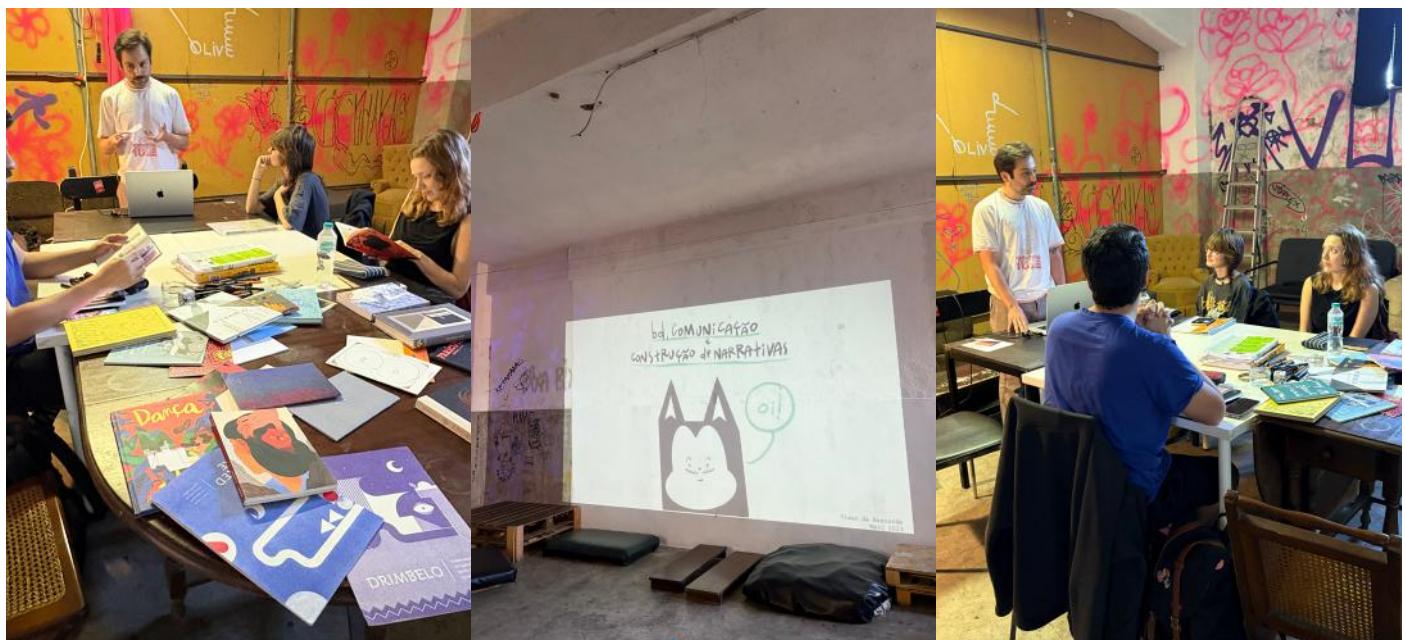
“O workshop serviu como uma introdução à banda desenhada a partir de uma abordagem mais autoral. Os participantes tiveram a oportunidade de aprender mais sobre as suas mecânicas e como utilizar este meio como forma criativa de construir narrativas. No final, cada um criou a sua própria prancha de BD para um fanzine coletivo sobre música, meios digitais e memórias pessoais.”

O Gato Mariano

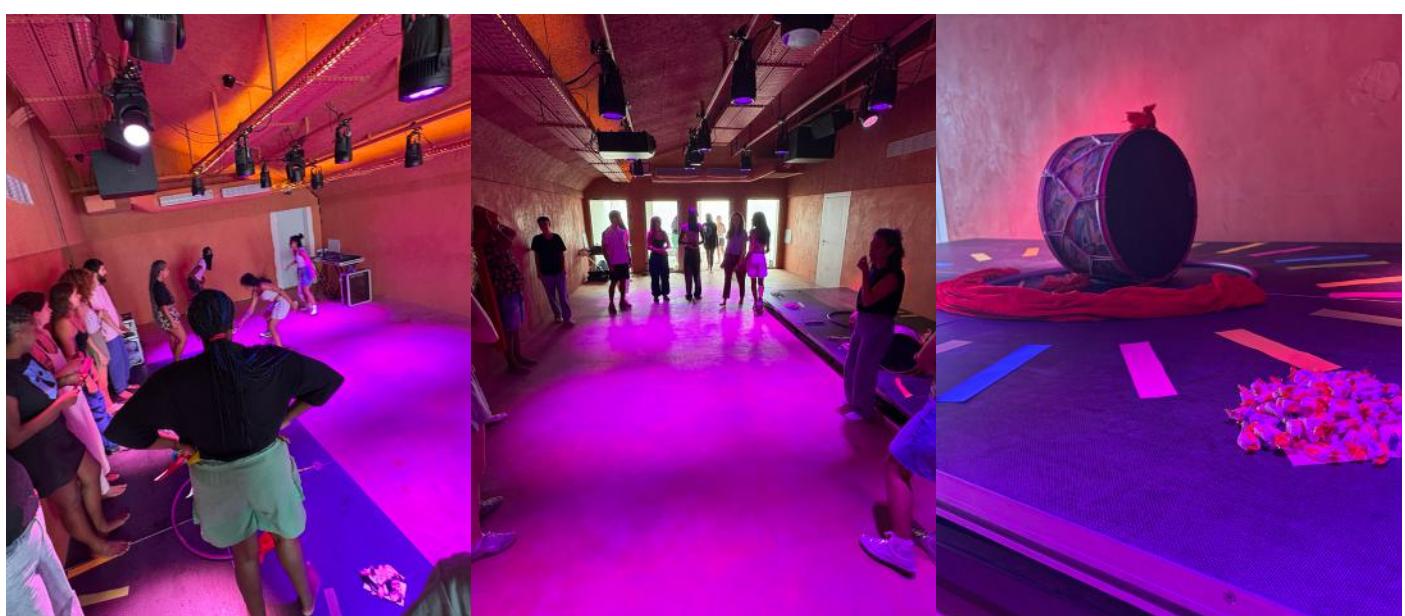




Herlander - 9 de Abril



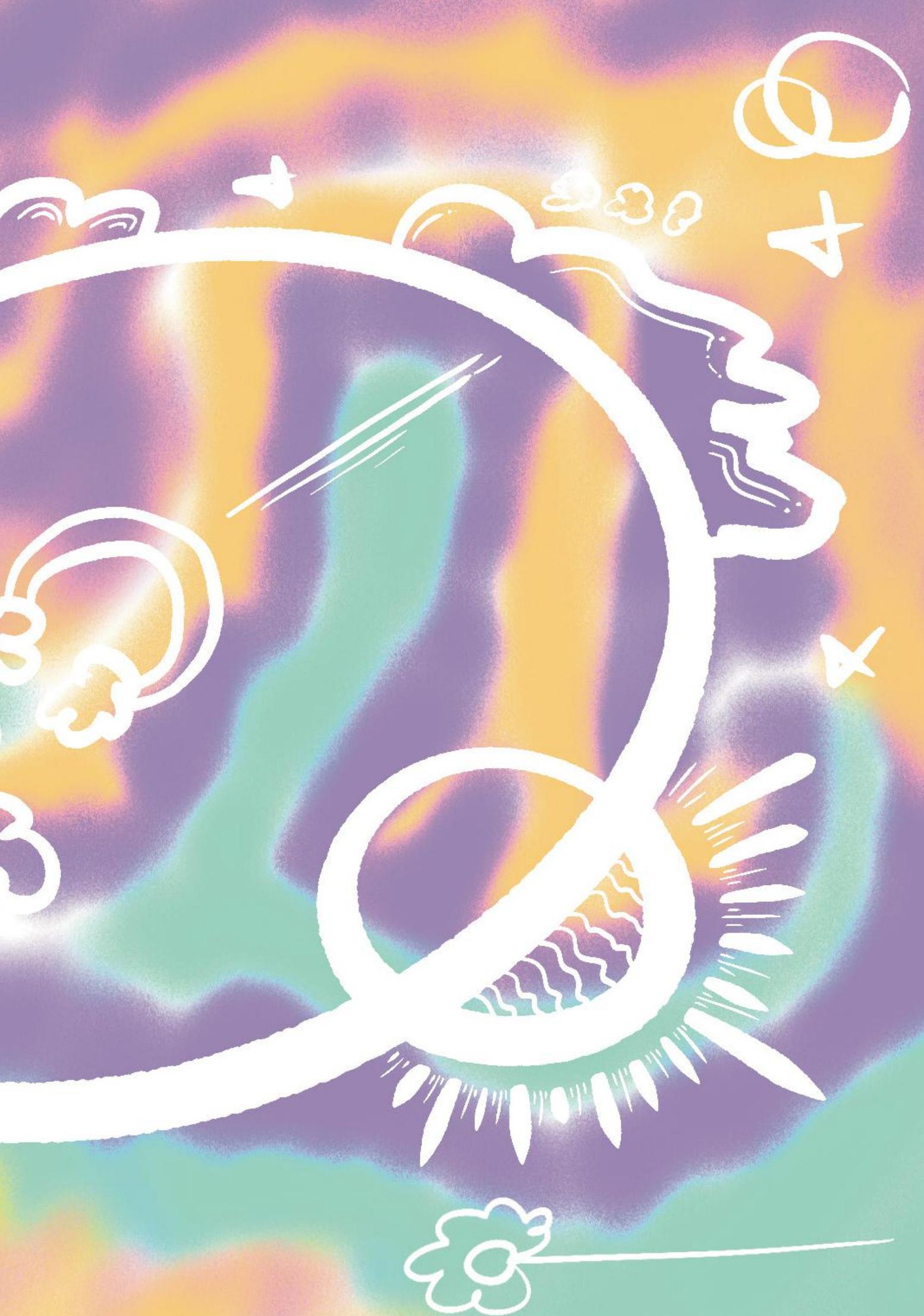
O Gato Mariano - 27 de Maio



Akila - 12 de Outubro

Fotos por Inês Coutinho





CADERNO

Entrevistas



Fazer perguntas agita a nossa humanidade: com curiosidade chega-se longe. E depois, a falar é que a gente se entende - por isso fomos entrevistar camaradas culturais:

a BOTA, uma associação cultural com programação diária que é um altar à resistência no centro de Lisboa; o coletivo Afrontosas que apresentou recentemente 'Cadê Elas', um vital trabalho de pesquisa sobre pessoas negras queer no tempo da ditadura fascista; o Vítor Sanches cujos projetos de vida Bazofo / Dentu Zona na Cova da Moura passam por sensibilizar a população através da cultura e os Dois Punks e Um Bolo de Bolacha refletem sobre a cena DIY em Portugal nos anos 90.

A BOTA

é um espaço cultural polivalente, localizado no centro de Lisboa, que acolhe artistas emergentes e consagrados, com uma programação regular que inclui teatro, música, exposições, oficinas, conversas e residências artísticas.”



A BOTA nasceu como parte da Toca das Artes, podem contar um pouco sobre a ideia inicial para este espaço, e em que contexto surge?

A BOTA é um espaço cultural polivalente, localizado no centro de Lisboa, que acolhe artistas emergentes e consagrados, com uma programação regular que inclui teatro, música, exposições, oficinas, conversas e residências artísticas. Ao longo dos últimos cinco anos, a BOTA tem-se afirmado como um centro de experimentação, criação e convivência, valorizando a multiplicidade de vozes, práticas e estéticas. O projecto artístico da BOTA é amplamente diverso e não se fixa em géneros, estilos ou formatos específicos. A programação é construída a partir das propostas de dezenas de artistas que procuram a BOTA pelas suas características únicas, localização e ambiente acolhedor. A versatilidade do espaço permite acolher uma grande variedade de atividades: performances teatrais, concertos, exposições, tertúlias, oficinas, programação infantil, residências artísticas e encontros comunitários.

Que desafios práticos enfrentam para manter a BOTA a funcionar, especialmente num modelo DIY e como a comunidade local e artística tem contribuído para a sustentabilidade e para a vida do espaço?”

A BOTA acolhe artistas emergentes que procuram afirmar-se em Lisboa e artistas de renome nacional e internacional que privilegiam espaços intimistas e com envolvimento comunitário. É nossa preocupação que toda a actividade artística da BOTA esteja profundamente ligada ao território e à sua comunidade, oferecendo uma programação acessível, inclusiva e que estimule a participação de diferentes públicos. A estrutura de gestão da BOTA garante o funcionamento regular do espaço, sustentado por uma equipa dedicada, composta por profissionais das áreas de produção, técnica, programação, comunicação e administração. Esta organização permite planeamento contínuo, relações institucionais sólidas e ações recorrentes de captação de recursos. Procuramos com esta forma de funcionamento um compromisso da BOTA com a dignificação do trabalho artístico e com a criação de condições justas para artistas, equipas técnicas e de produção. Ao mesmo tempo, a equipa tem vindo a desenvolver projetos autorais com financiamento pontual, fruto do crescimento orgânico da BOTA enquanto estrutura cultural de referência.



Para além da sala de espectáculos, na BOTA há gabinetes de trabalho para artistas de várias áreas.

Que tipos de projetos habitam esses espaços?

Existe colaboração entre eles?

Actualmente, o espaço conta com residentes permanentes, como o artista plástico Ozearv, a produtora audiovisual Somtopia Films e os estúdios de gravação BOTA, integrados na dinâmica quotidiana da casa.

Com uma programação tão rica, ficamos genuinamente curiosas de como conseguem fazer este puzzle entre oficinas, concertos e mais?

A nossa programação é internamente deliberada, a partir das inúmeras propostas que recebemos. Temos a sorte de ter uma equipa pequena mas muito versátil, desde a programação até aos materiais de divulgação, manutenção do site e animação das redes sociais.

Quais são os vossos sonhos para o futuro da BOTA e, já agora, o que sonham também para a cultura e o associativismo em Lisboa?

Sonhar em si é também um propósito e sinceramente achamos que já vivemos alguns dos nossos sonhos através da BOTA: temos trabalhado com pessoas extraordinárias, foram criados laços entre artistas, alguns do mesmo país e até da mesma cidade que não se conheciam e passaram a trabalhar juntos.

Temos tido a sorte de ter na BOTA um pedacinho do mundo, em toda a sua riqueza e diversidade, traduzido em momentos notáveis a que pudemos assistir. O que gostaríamos no futuro para além de dar continuidade ao trabalho que fazemos era desenvolver e levar definitivamente para fora do nosso espaço físico projectos como o “BOTA FORA”, a Arroios Blues Week e a semana da Música do Mundo da BOTA (WMW).

O movimento associativo da cidade de Lisboa precisa de ver garantido o direito ao seu espaço na cidade, estar ligado territorialmente a cada zona onde nasceu e cresceu e que a sua actividade seja não só assegurada como estimulada.

O movimento associativo é uma das formas mais democráticas e plurais de acesso à criação e fruição culturais, tem em si uma capacidade simultaneamente agregadora e um potencial de combate ao racismo e à xenofobia únicos. É dever das instituições públicas, poder local e governo assegurar que estas possam funcionar em pleno, crescer e ligar-se a cada vez mais gente e poder assim sonhar e transformar. Quantos de nós puderam começar a sonhar como artistas, profissionais ou não através da sua participação no movimento associativo.

Cadê Elas?

“A gente ‘tá aqui e a gente ‘tá viva e a gente resiste e a gente existe e a gente existiu p’ra história desse país. É isso!”

Nascido para investigar a história da negritude cuir (queer) em Portugal, o colectivo Afrontosas olhava para o período da ditadura quando se deparou com Virgínia Quaresma. Esta mulher mestiça, nascida em 1882 em Elvas, foi a primeira repórter moderna portuguesa, “e era sapatona, sapatona, sapatona! Desde sempre, sempre se colocou como, e não tinha vergonha”, conta DIDI, das Afrontosas.

Partindo deste exemplo, as Afrontosas concluíram que tinha de haver mais histórias como esta — e decidiram ir à procura delas para as contar.

Recorreram aos arquivos, registos e a bases de documentos legais, como a Torre do Tombo e o Museu de Lisboa, o Asilo da Mitra e os hospitais psiquiátricos Júlio de Matos e Miguel Bombarda, mas também à historiografia LGBT em Portugal, onde o recorte racial nunca existiu: “ninguém pensou nisso, na importância disso, na importância também dessas vivências para o contexto local”, relata DIDI, referindo-se ao “grande boom da guerra colonial”, e ao aumento dos fluxos de pessoas entre África e Portugal a partir daí.

Assim, como esperado, o colectivo Afrontosas encontrou registos de pessoas negras cuir tanto no Asilo da Mitra como no hospital psiquiátrico Miguel Bombarda, dois dos destinos para “tudo o que era desviante”, expõe DIDI. Como a homossexualidade era considerada uma infracção penal, o fascismo português perseguia-a através de duas formas de controlo social: como crime ou como doença.

A Mitra abriu em 1933, na ascensão do fascismo, e servia para a PSP depositar pessoas retiradas da via pública, sem ter de as acusar de qualquer crime, com a justificação de “limpar moralmente” Lisboa – pobres, doentes, deficientes, dementes, inválidos, pedintes, prostitutas, aleijados, homossexuais... no fundo, todos os “indesejáveis”. Mais de 20 mil adultos e crianças estiveram presas na Mitra, e cerca de um terço ficaram lá presas até à morte.

Nos anos 1950, a Mitra passou a receber sobretudo doentes considerados “incuráveis” pelos hospitais psiquiátricos Júlio de Matos e Miguel Bombarda, onde ficavam as pessoas consideradas possíveis de “tratar” – como no conhecido caso de Valentim de Barros, o bailarino que tentaram “curar” da chamada “inversão sexual” (termo médico para homossexualidade) durante quase 50 anos, entre 1939 e 1986, até acabar por morrer no hospital psiquiátrico.

Valentim está longe de ter sido caso único. E as Afrontosas também foram à procura, nos casos de pessoas negras e cuir com o mesmo fim, das suas histórias completas, vivências e contextos, da denúncia à detenção, da prisão ou institucionalização até à morte.



Fotos por Daryn Dornelles

Durante o fascismo, qualquer demonstração pública de afecto, desde um beijo até andar de mãos dadas na rua, era proibida e punida com multa. Por isso, os registos criminais da época contêm muitas provas fotográficas deste tipo de “transgressão”. As Afrontosas encontraram exemplos nos quais se comprovava a existência de “afectividades criminosas” entre dois homens a partir de fotografias deles sentados lado a lado – e isto era suficiente para os prender.

Situações como esta multiplicam-se por toda a cidade de Lisboa. Por isso, o colectivo mapeou os locais onde estas pessoas se encontravam, conheciam e flirtavam, da Avenida da Liberdade a vários cafés de Lisboa. Porém, era nos urinóis e casas de banho públicas que a maior parte delas eram apanhadas e presas, esclarece DIDI: “a base da sexualidade das pessoas naquela época era condicionada dentro dessa obscuridão, de ir aos urinóis, às casas de banhos, para o engate, e a gente tem muitos registos sobre isso: quase sempre essas pessoas eram apanhadas porque estavam nesse campo”. O grupo também percebeu que a homossexualidade era prática comum no campo militar, mas “era obviamente tabu, e isso não saía” a público.

Era tabu e, para muitas destas pessoas, mantém-se assim. As Afrontosas tentaram contactar familiares de algumas das pessoas negras cuir que investigaram e rapidamente perceberam como ainda é “muito complexo falar sobre isso até hoje”, explica DIDI. E também por isso sentiram o dever de preservar as histórias destas pessoas sem as expor.

Assim, optaram por partilhar os resultados desta investigação através da afrofabulação, uma abordagem artística na qual as Afrontosas e outros artistas locais dão corpo às histórias investigadas, contando-as da sua perspectiva para as preservar, porque “podíamos ser nós”, reflecte DIDI.

Esta exposição artística esteve em exposição no Espaço Santa Catarina, em Lisboa, entre 8 e 22 de outubro, e os resultados estão disponíveis no site afrontosas.pt/cade-elas desde novembro.



Fotos por Daryan Dornelles

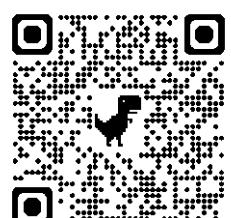
Nestes resultados, encontramos também as reflexões do colectivo sobre as histórias recolhidas e afrofabuladas. DIDI conta como coube ao Colectivo reflectir sobre a linguagem estereotipada encontrada nos registos antigos, particularmente sobre a cor da pele, e as suas semelhanças com a usada actualmente: “acho que até hoje a gente sofre, num contexto espacial, por essas punições, por essas punições taxativas”.

As Afrontosas também tiram conclusões sobre a homofobia que, além de ser um produto interno geral muito forte na sociedade portuguesa, nas comunidades negras é “forte ao quadrado”: “por toda a estrutura social nossa representativa ter sido alicerçada por figurações, por corporeidades, por estruturas sociais hegemónicas heteronormativas brancas cisgênero... é... é complexo você trabalhar outras historiedades, outras historiografias de outras pessoas. Então acho que pessoas negras durante muito tempo ficaram assim ao léu por (...) não estarem próximas umas das outras, não se verem dentro de um contexto sócio-afectivo e de sociabilidade na comunidade LGBTQIAP+”, expõe DIDI, apontando como as acções colectivas das Afrontosas, de The Blacker The Berry, ou o Black Pride têm proporcionado “um grande encontro de pessoas, de vozes, de afectividades p’ra que a gente possa dar sentido às nossas existências – e não ter medo de sermos o que nós somos, com as nossas formas, com a nossa pele, com a nossa história, com a nossa outra forma de trabalhar e pensar música cuir ou outras coisas, outros sons, outras formas de se vestir... e outras histórias também. É sobre isso!”

Assim, DIDI não tem dúvidas: “o Cadê Elas? é uma coisa que não acaba aqui, na verdade é um ponto de início, de resgatar essas histórias (...) p’ra saber quem eram essas pessoas, onde estão essas pessoas, por que essas pessoas estão aqui...” e para “trabalhar a exclamação de que a gente ‘tá aqui e a gente ‘tá viva e a gente resiste e a gente existe e a gente existiu p’ra história desse país. É isso!”



Visita o instagram das Afrontosas:





Visita o instagram da Bazofo & Dentu Zona

“Então o jardim é nosso, né? Então as ruas são nossas, né? As ruas somos nós, né?”

– Vítor Sanches, Fundador da Bazofo & Dentu Zona, na Cova da Moura

Como surgiu a ideia para a Dentu Zona?

A Dentu Zona dá lugar a pessoas para estarem numa plataforma no sentido de entreajuda. Essa plataforma faz cine-clube, feiras, exposições... cuida também, que é uma parte bué importante. Este “cuida” é uma auto-reflexão das coisas que aqui se passam na zona. Também é um canal que passa informação para um público fiel, que sabe mais ou menos o contexto, e é um colectivo de outros artistas que também fazem a coisa acontecer. O mote da Dentu Zona é da zona, p’rá zona, no sentido de sensibilizar e curar a população local através da cultura. Essa é a importância da Dentu Zona. Tipo, olhar para o pessoal da zona, porque eles é que são... são as pessoas principais, ‘tás a ver?

A ideia é as pessoas não terem de sair do seu bairro para ir aceder à cultura noutro sítio, não é?

É, é uma questão mesmo de desconstruir a cena colonia, que obviamente é uma das cenas que ainda propaga aqui dentro do bairro. É descolonizar a tua mente no sentido de saber que também és importante e também tens valor e também tens direito à cultura e ao lazer.

E depois de surgir a ideia, quais os primeiros passos que precisaram de dar para construir esta comunidade?

É tudo uma questão de... apoderar o que é teu, né? Então o jardim é nosso, né? Então as ruas são nossas, né? As ruas somos nós, né? Começámos a concentrar-nos mais na cultura, então foi através dos cine-clubes – eu faço um cine-clube negro –, foi através da presença dos livros à distância de um braço... várias coisas, mas têm que ter uma consistência, né? Temos de fazer algo que seja regular, que fique tipo “missa”, e depois o pessoal já identifica esse lugar como um lugar de cura, onde as pessoas se encontram para essa tal cura. É isso que eu tento proporcionar, e a missão e a identidade da Dentu Zona são essas: é fazer eventos locais para a comunidade, e para a comunidade participar. Eu faço jogos de tabuleiro, campeonatos... são várias coisas que um gajo tenta desenvolver para engajar a comunidade.

Costumas referir muito o espírito de entreajuda e a riqueza cultural que encontras no bairro. O que é que estimula essas duas características que encontras com tanta força na Cova da Moura?

Por exemplo, a necessidade, né? A fome, né? São grandes impulsionadores da condição de “tamos no mesmo aquário”, né? Aqui nós somos todos caranguejos, toda a gente ‘tá a procurar sair desse espaço, porque estar a viver na zona e gostar da zona são duas cenas completamente diferentes. Então viver no bairro é uma cena bué... é buéda duro.

É um sítio onde fica assim um bocado evidente que ninguém se vai safar sozinho, não é?

Sim, man, é super duro, super duro... e depois chegas a uma certa idade, aos quarenta ou cinquenta, e começas a bater mal porque não conseguiste nada na tua vida, e acumula com os outros problemas que obviamente também tiveste ao longo da vida... então para te manteres sano é bué difícil.

E desses sentimentos também vem a necessidade de participar em coisas e fazer coisas e estar em conjunto a fazer coisas... procurar um refúgio – de ir jogar jogos de tabuleiro, a ver um filme...?

Sim, eu acho que uma das cenas é o pessoal não ter a oportunidade de fazer parte da cultura... e eu acho que aqui têm isso. Têm acesso, está na zona deles, e também fazem parte do movimento. Isso também é uma ganda diferença, porque o meu people não

vai ver cultura no Gulbenkian ou qualquer outra instituição, mas, se a cultura é trazida cá prá zona... o pessoal começa a apreciar dentro do tempo deles, né? Acho que todas as vezes que eu fiz aí uma exposição, o pessoal passava de carro, via, passava de bicicleta, via... tinha outras formas de ver que também são válidas, mas que numa instituição não é válido. Eu tento sempre fazer na rua. Se a cultura não existe, tem de ser plantada em algum sítio. E eu não estou à espera que me comprem a peça... eu quero é que o pessoal aprenda a apreciar. Sabendo apreciar, amanhã vais comprar. Pode demorar dez anos, mas é sobre isso, né?
É sobre semear e depois colher, né?

E também há uma grande diferença entre pegar numa exposição da Gulbenkian e levá-la lá, ou serem mesmo coisas feitas lá, por pessoas de lá, até na própria ligação das pessoas com a cultura – saber que é arte feita por pessoas mais parecidas com elas, com contextos mais parecidos com os delas...

Ya, eu concordo. Já fiz várias exposições e tem sido uma cena muito boa. Uma delas foi do Lukano [Mpasi], foi muito forte a exposição dele, e me apercebi que a aderência foi completamente diferente do que naquela que ele teve lá na Gulbenkian, ‘tás a ver? Para mim foi importante chegar à comunidade. Obviamente aqui a zona é uma plataforma negra e, sabendo que há poucas ou nenhuma plataforma negra no mainstream, a cena especial aqui é sempre dar protagonismo às pessoas negras. Eu acho que é bem importante ter esse espaço que seja especial para essas pessoas.

A Dentu Zona também tem um atelier de serigrafia, para as pessoas também fazerem arte, produzirem... como funciona?

A parte da serigrafia é uma parte bué importante da Dentu Zona, porque a serigrafia serve a marca de roupa que é gerida por mim, que é a Bazofo, e depois também faz trabalhos para fora, para outros clientes ou instituições, e também faço workshops para pessoas que querem aprender a fazer arte de serigrafia, também faço a serigrafia nas escolas... e aí trabalho com a língua de Cabo Verde, que é bué importante, porque a maioria das escolas da periferia são frequentadas por pessoas negras e uma das cenas que eu posso levar lá é o crioulo de Cabo Verde, para as pessoas se expressarem na língua-mãe, na língua que sentem mais afecto. Um exemplo é “minha querida” ou “nha cretcheu”... é completamente diferente.

O apagamento destas línguas também acaba por ser apagamento cultural, não é? Falar crioulo também é uma certa resistência cultural?

Super. Justamente desses lados aqui, onde a resistência anti-racista foi sempre forte e resistência também contra a direita, no sentido de ser um bairro com as condições que tem, as condições a que tem estado a sobreviver... eu vim juntar-me à luta que muitas outras pessoas já faziam e já fizeram aqui da zona, que são os restaurantes, que são as pessoas que são agentes sociais... eu não sou ninguém, eu sou apenas mais um. E se eu conseguir acrescentar, essa é a minha cena, acrescentar. Se eu consigo acrescentar, é uma boa cena.

Quais são os maiores desafios para manter a Dentu Zona a funcionar?

Desafios é mesmo com a comunidade em si, tem nuances, eu tenho que perceber bem essas nuances e saber como estar sempre em frequência... uma das cenas é em novas gerações, como é que tu vais adaptar-te a isso, para ficar sempre apelativo. Tem uma faixa etária aí que eu não consigo muito engajar, mas tem que persistir, né? Depois há aquelas nuances que é bué difícil, que é quando uma criança não quer ir para a escola e não pode trabalhar, então fica aí nesse espaço assim...

Tentar fazer a malta que se está a desinteressar do mundo... interessar-se ali em qualquer coisa?

Sim! Para mim é bué importante terem ferramentas de trabalho. Uma das cenas que a Dentu Zona faz quando eu estou a fazer serigrafia para fora é empregar malta que venha trabalhar comigo, e depois a gente tem um rendimento para as cenas deles de emergência... se não é um calçado, é uma licença de mota, se não é uma licença de mota é para comprar algo porque estão num projeto qualquer... se o dinheiro vier no meu caminho, tenho sempre para onde direcionar. Tipo, hoje à noite vou fazer DJing, vou levar dois DJs aqui da zona, sabes? Então a cena é assim, a Dentu Zona trabalha como tal, a cena é não deixar o dinheiro escapar e empoderar as pessoas. É bué difícil, mas pronto... trabalha-se, né?

Que conselhos deixarias a quem quiser começar um projeto deste género no seu bairro?

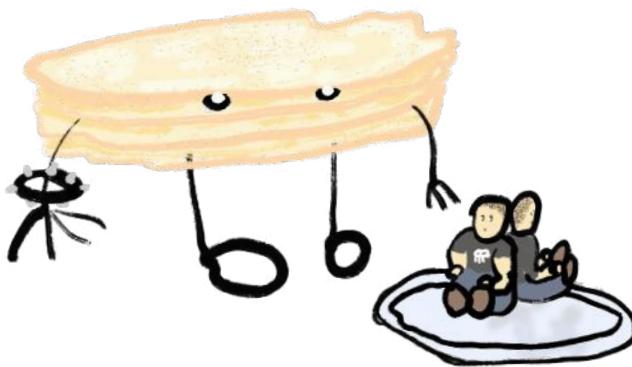
Eu acho que o conselho é assim: compromisso é compromisso, e as vitórias são poucas. Têm mesmo de pensar antes de fazer, mas é necessário, é super necessário...

E no fim das dificuldades todas, sentes sempre que compensa?

Tem sempre o cherry on top que é a experiência que as pessoas levam, é a experiência que as pessoas têm, e isso para mim vale tudo, vale mais do que qualquer coisa. Para tu te lembras de uma cena, aquilo tem de ser uma memória boa, uma cena afectiva, um amor afectivo à zona... e isso para mim é o cherry on top. E quando tu vês na televisão uma cena contra a zona, tu pensas “ah, como é que ‘tá o Vitor, como é que ‘tá o João”, percebes? E a minha cena é essa, é empoderar o pessoal em todos os sentidos para se protegerem... mas isso tudo é um movimento político, não deixa de ser um movimento político... mas é só pela cultura, ‘tás a perceber?



Visita o instagram
de Dois Punks
e Um Bolo de Bolacha



Dois Punks e um bolo de bolacha: Histórias do DIY

Nos anos 90, ser punk em Portugal era mais resistência cultural ou pura teimosia?

Pode-se dizer que era resistência cultural com uma boa dose de teimosia funcional. Nos anos 90 em Portugal não havia apenas um estilo musical ou visual, ser punk implicava remar contra a corrente num país ainda recente na democracia e muito marcado por uma cultura conservadora. O acesso a discos era limitado, os concertos eram raros e muitas vezes improvisados (garagens, associações recreativas, colectividades). Ser punk era construir uma cultura própria e questionar as normas e quebrar as regras do “jogo”.

A cena DIY portuguesa dessa altura parecia uma mistura de fanzines, concertos improvisados e muita fita cola. Podem contar-nos um par de memórias que retrate esse desejo de fazer acontecer sem meios?

A cena DIY era uma necessidade não havia dinheiro, nem apoios para nada. A vontade era muita e o dinheiro era muito pouco, forravam se garagens com caixas ovos de cartão muitas vezes pedidas aos vizinhos dos nossos pais. Quem queria organizar concertos tinha de desencantar espaços culturais para o fazer como a Casa Ocupada (na praça de Espanha), na academia de Linda-a-Velha, nos Alunos da Apollo, Caixa Económica Operária, Voz do Operário o Jonny Guitar e o Ritz Club entre outros espaços alternativos ou escolas secundárias como António Arroio, Padre António Vieira ou então em garagens privadas. Andávamos a colar cartazes pelo bairro alto a divulgar concertos e algumas manifestações anti-fascistas e anti-touradas. Era uma desorganização de pessoas pelo amor à música e das nossas ideologias de vida, por isso o DIY tinha muita força.

Vasco: tinha umas colunas JBL de uns míseros 150 ou 200w e faziam tudo, punk, drum, techno...foi até rebentarem de cansaço.

O Vasco foi roadie dos Da Weasel — conta-nos lá uma história de bastidores que ainda te faz rir (ou corar) até hoje.

As melhores histórias não as posso contar, para não ferir os visados, mas era rock'n'roll no seu estado puro. Uma vez vínhamo de Paris de um concerto no Olympia, eu tinha trazido uns comprimidos de efedra para não adormecer, metemos os 3 que íamos na carrinha de backline. Ao chegar ao País Basco, pergunte-lhes se estavam a sentir e eles dizem que não. Passado uns minutos no meio de um nevão absurdo, olho para eles e estão os dois a morder o tablier da carrinha. Afinal eram bem fortes...foram proibidos entretanto, escusam de procurar.

Como é que as cenas punk e hip-hop se cruzavam nos anos 90? Havia mesmo uma rivalidade ou era tudo parte da mesma luta contra o sistema hegémónico? E a electrónica, que papel tinha aí no meio - na vossa óptica?

Nos anos 90 em Portugal (e na Europa em geral), os mundos punk, hardcore, hip-hop e electrónica conviviam de forma bem complexa, nem sempre linear, mas havia pontos comuns fortes.

Ambos eram movimentos de resistência cultural e críticos das desigualdades sociais. Os espaços alternativos tinham concertos de hardcore e concertos de hip-hop. Por exemplo, em Lisboa, alguns centros culturais e associações recebiam concertos de ambos, mas havia rivalidade. O punk via o hip-hop como “mais comercial” (mesmo o mais underground) e alguns MCs viam o punk como demasiado radical ou antiquado.

Mas, quando a luta era contra o sistema, havia mais coisas que os uniam do que os separavam.

A cena electrónica rave alternativa apareceu nos finais dos anos 90 com os Total Resistance, um grupo de várias crews com muito ingleses, franceses e alemães que invadiu Portugal com carrinhas e sistemas de som e faziam festas ilegais no meio de Sintra, na Costa da Caparica ou um fim de ano em Torres Vedras que ficou na memória de quem se lembra... Trouxeram um espírito traveller que não conhecíamos, era uma liberdade inesperada, sem amarras a nada, sem impostos, sem governo, sem Deus. Muitas dessas festas tiveram também concertos punk no início da noite. Spiral Tribe is the shit, google it.



Foto por Diogo Ferreira de Almeida

Hoje fala-se muito em “independência artística”, mas vocês viveram o DIY quando ainda não era um hashtag. O que é que acham que se perdeu (ou ganhou) com a internet e as redes sociais?

Ganhou-se exposição, hoje em dia temos acesso muito mais rápido às coisas devido à internet. Antigamente usava-se o boca a boca ou espalhava-se pela cidade cartazes ou fanzines e flyers. Perdeu talvez em alguns casos a essência e a identidade.

Se pudessem reviver uma noite, um gig ou um momento dessa era, qual seria e porquê?

Sérgio: Eu adorava reviver o meu 1º concerto de punk hardcore na Escola Secundária de Linda-a-Velha. Eu tinha 13 anos e fui ver Pé de Cabra, na realidade, foi onde fiquei apaixonado por todo o movimento punk, são daquelas sensações que não se explicam, senti que estava em casa.

Vasco: 77 uma banda com membros dos Tédio Bois mas com o Paulo Eno a cantar. O concerto foi algures no Barreiro... ou terá sido na Moita? Só Deus sabe e eu sou Ateu, mas acabei, tal como o vocalista, semi nu e a vomitar encostado ao carro...

Havia uma sensação de comunidade forte na cena punk dos 90s, mas também muita fricção entre bandas, egos e ideologias. Como é que se geriam essas tensões sem redes sociais para lavar roupa suja?

Havia algumas tensões mas eram todas resolvidas ao vivo e a cores, antes, durante e depois dos concertos.

Lembram-se de rádios pirata e fanzines específicas na altura?

Rádios não nos lembramos de nenhuma, existiram muitas mas acabaram nos finais dos anos 80 com uma lei anti-rádio do governo do Cavaco, mas fanzines sim.

Havia a Erva daninha, Positive Youth, Fast Growing e também havia algumas zines ligadas a bandas como os X-acto ou os Subcaos. Outras como Profane Existance ou Maximum RnR mais politizadas. Havia muitas, de temas variados, talvez a mais conhecida era “A Bíblia” mais vendida que a outra, do mítico Tiago Gomes, antigo vocalista punk convertido em poeta, procurem por aí que ele faz uns concertos de spoken word bem bacanos com músicos como o Tó Trips.

Se tivessem de explicar a um miúdo de 20 anos o que era “ser DIY nos 90s em Portugal”, que três objetos levariam para ilustrar a época

Vasco: Um pau, discos de vinil às costas e Visadron.

Sérgio : Mortalhas, Walkman, Skate e Siga a Marinha!



Olhamos o mundo com mente aberta, sim - mas também com olhos críticos, não vão as forças hegemónicas ditar o que pensamos sem darmos por isso. O que acontece se trasladarmos uma dinâmica socio-cultural do Planeta Manas para o Pingo Doce? E quais são os fios emaranhados que ligam a cena do trance psicadélico ao sionismo? Rave é veículo de alienação ou de cumprir das nossas contradições? A fechar com chave de ouro, uma playlist anotada, uma banda desenhada e sugestões culturais. Jornal Quê? Também não sabemos.



Sionismo Psicadélico

por marum

É a música psytrance intrinsecamente sionista?

Com um humor sarcástico, um amigo fez uma crítica à “natureza fascista” do psytrance, mencionando o peso desproporcionado de Israel nessa scene, com festivais onde abundam soldados das Forças de Defesa de Israel (IDF). Poderia (e deveria!) ter ignorado esta provocação, mas inevitavelmente fez-me pensar: será que um género musical pode ter um ethos ideológico?

Techno is Black music, como somos frequentemente lembrados, e bem. A história não se pode ignorar, mas será que as origens de um género musical lhe conferem um caráter, uma ideologia ou princípios éticos inerentes? “Deixem a política fora da música!”, ouvimos dizer sempre que se quer repelir críticas e ignorar as relações entre a música e os movimentos sociais e culturais que estão nas origens da música, e que moldam a forma como é produzida, distribuída e ouvida.

O psytrance não é exceção.

O género nasceu em Goa, antiga colónia portuguesa que, nos anos 60, se tornou refúgio hippie, onde o rock psicadélico europeu encontrou a espiritualidade Indiana e canábis em abundância. Nos anos 90, o Goa-trance - e a ketamina - puseram a região no circuito global dos festivais de música eletrónica, com um influxo crescente de backpackers israelitas a realizar o tarmila'ut, viagem/rito de passagem à vida civil após cumprir o serviço militar. Os locais procurados por veteranos à procura de descontrair, após perpetrarem crimes de guerra ao serviço do IDF, constituíram aquilo que ficou conhecido como a “Rota do Hummus”. Menos documentados mas expectáveis são os efeitos sociais e psicológicos nefastos desta rota: o caos em várias pequenas povoações indianas, o surgimento de colonatos vedados à população local, e em alguns casos, o culminar de psicoses graves entre veteranos. A mesma angústia e influência militarista pode ser encontrada no psytrance israelita (que detém grande influência scene), com nomes de artistas e álbuns que aludem à guerra, à conquista e exasperação, como “Expression of Rage”, “Psycho Sonic”, “Deeply Disturbed”, “Becoming Insane”, “Smashing the Opponent” ou “Conquering the Israeli Desert”.

Como observa Darren Sangita, o psytrance israelita está profundamente ligado ao sionismo, ao trauma militar, à identidade dos colonos e à ocupação. Mesmo que as pessoas se digam apolíticas, as estruturas que incorporam reproduzem lógicas de limpeza étnica e apartheid.

Portugal: sol, festivais de Verão, psytrance e crimes de guerra? Desde o 7 de outubro, vem-se dando mais atenção à presença israelita na scene psytrance em Portugal, com algumas controvérsias a surgirem no verão de 2025. O cancelamento do Anta Gathering teve grande atenção mediática, depois do Comité de Solidariedade com a Palestina denunciar um dos principais organizadores, um reservista que regressou a Israel em outubro de 2023. O Boom Festival, gigante incontornável na cena global do psytrance, também foi criticado por só usar as suas redes sociais para divulgar platitudes PLUR, apesar de muitos dos seus headliners virem de Israel e de boa parte do seu público, por vezes envergando a bandeira israelita. O problema não está na nacionalidade dos participantes mas no silêncio de artistas e festivais com grande plataformas e influência na cena, construída às costas dos sacrifícios de todas as pessoas

que participaram dos movimentos contra-culturais, artísticos e políticos, vitais para a criação dos sons e da cena de psytrance de hoje.

Em 2022, fui convidado para o Boom, para falar sobre a minha e a minha impressão da cultura rave queer num dos painéis do Palco Liminal. Nesse ano, mais de 80% dos DJs e outros artistas convidados eram homens. Painéis é onde normalmente se pode esperar encontrar a maioria das mulheres, pessoas queer e/ou BIPOC. Cerca de um ano mais tarde, depois de uma reunião com a organização do Boom - para discutir o manifesto para a edição de 2023, amplamente criticado por estar repleto de clichês transfóbicos e noções liberais sobre a liberdade de expressão -, constatei que pouco tinha mudado. Nessa edição, Chiara Baldini, responsável pela curadoria do Palco Liminal, despediu-se com elegância, oferecendo uma lição sobre as raízes contraculturais da cultura hippie e traçando o seu percurso histórico, do idealismo antiguerra dos anos 60 até desembocar nos atuais formatos de escapismo espiritual. Na Índia, os hippies formaram colonatos brancos sob o ideal de “espiritualismo universal”, que convenientemente ignorava raça, fronteiras, classe e realidades locais. Operando sob o lema “somos um”, é fácil esquecer as adversidades e desigualdades materiais das comunidades e/ou locais que os acolheram, seja na Índia ou em Portugal.

Apesar disto, não vou negar que me diverti com amigas no Boom. Atraem-me genuinamente algumas das sonoridades do espectro do psytrance, desde o rumbling rápido e texturas orgânicas até ao psymbient meditativo e o explorar instrumentos, cínticos e notações musicais não-ocidentais. E valorizo o esforço de incorporar ideais holísticos de viver ao ar livre, consciência ecológica, práticas somáticas e dança extática. Percebi como a redução dos danos focada em psicadélicos se estendeu à curadoria e infraestrutura do festival, como se procurou uma intensificação gradual no início do festival e uma aterragem suave à medida que o festival chegava ao fim, incluindo horas de descanso no topo do sol e promovendo um entusiasmo em torno da natureza e da ciência. O esvaziamento deste ethos, muitas vezes ofuscado por uma estética extravagante ou vulgar, tem que ver com o desejo de comercialização de algo com o poder de mover milhares de pessoas e capital. Ao longo do percurso, conheci pessoas que cultivam uma genuína abertura psicadélica enquanto experimentação híbrida, sonoridades e identidades porosas. A minha esperança, por vezes naïve, tem sido a de expandir essa abertura.

Com Sasha, fundei no Planeta Manas a ins3kt Ræve, para explorar sons além dos limites do psytrance, viajando do dub ao techno, do ambient ao bass, e imaginar diferentes perspectivas e percepções sonoras. Como será que um inseto perceciona o som debaixo de terra? Qual é a experiência sensorial das vibrações que atravessam o corpo queratinoso? Raízes as secar, mandíbulas a clicar, gotas de chuva a cair na poça - tudo sob diferentes perspectivas temporais e dimensionais. Poder habitar este imaginário sensorial é uma força motriz excitante. Queers e BIPOC raramente são acolhidos em grandes festivais, e a indústria do psytrance também sofre desse mal. Ao criarmos esta Ræve, quisemos explorar o psicadelismo enquanto prática de permeabilidade: permitindo que o som, a política e as diferentes percepções se refratem através de nós. Acolher essa noção de que somos todos diferentes também pode ser unificadora.

Fiscalizem o Pingo Doce como se fosse uma associação cultural!

Texto por Catarina Teixeira

Terça-feira, seis da tarde, Pingo Doce da Avenida Duque de Ávila, em Lisboa. A loja está cheia. De repente, sem que nada o fizesse prever, vinte agentes da polícia de intervenção entram armados com bastões, viseiras, coletes à prova de balas, joelheiras, cotoveleiras, capacetes, e sem placa de identificação. “Nem mais uma fatia de fiambre!”, exclamam os que se dirigem ao talho. “Largue as maçãs!”, escuta Felismina na secção dos frescos. “Vamos desocupar esta zona, é para varrer tudo”, ouve Carlos, após perguntar o que se estava a passar. Em menos de 2 minutos, todos os clientes da loja estão presos entre os congelados e os lacticínios.

Na sala de pausas, a gerente da loja fala com o responsável pela operação policial, pedindo explicações. “Viemos aqui ver se está tudo em conforme”, respondiam enquanto revistavam tudo. “Olhe lá, eu estou aqui com um gelado na mão que vai derreter”, insistia Glória, apelando ao bom senso dos agentes, antes de ser atingida com um bastão. “Pouco barulho, ó velha!”, exclamava, entre risos, um polícia não identificado. A loja foi esvaziada entre ameaças e episódios de violência física e verbal. A circulação na Avenida Duque de Ávila foi cortada com cordões policiais.

Naquele dia, já não houve mais compras para ninguém. Nada disto aconteceu em nenhuma loja do Pingo Doce. Aliás, nada disto aconteceu em nenhum espaço semelhante a uma loja do Pingo Doce.

Mas tudo isto aconteceu, por várias vezes, no Planeta Manas, associação cultural sem fins lucrativos, no Prior Velho. Este tipo de comportamento é cada vez mais comum em associações semelhantes à nossa. E nós por cá vamos continuando, sem saber bem como: vamos adoptando todas as medidas de segurança, pedidas e não pedidas, vamos procurando conhecer melhor a lei e os procedimentos policiais, vamos inventando medidas para a prevenção destas situações, vamos fugindo, vamos mudando de espaço e, por fim, acabamos por ter de fechar portas.

Porquê? Será por realmente não estarmos “em conforme” com os trâmites legais?

Desde logo, e voltando ao Pingo Doce, podemos assegurar, com relativa confiança, que estamos mais “em conforme” com a lei do que esta cadeia de supermercados – muito mais do que nos poderíamos orgulhar enquanto ravers.

Pensem assim: toda a situação descrita acima seria justa, proporcional e aceitável se os polícias saíssem daquela loja do Pingo Doce com provas de horários de trabalho ilegais, irregularidades nas pausas dos trabalhadores, repressão das mães trabalhadoras que tentam exercer o direito a horários flexíveis para acompanhar os filhos, e discriminações aos trabalhadores sindicalizados? Provavelmente não – e tudo isto acontece em inúmeras lojas do Pingo Doce.



Já quanto ao entretanto encerrado Planeta Manas, Deus o tenha, nas diversas invasões – passaram a pente fino os livros de registo, todas as licenças, os extintores, e até as sempre traiçoeiras tomadas eléctricas – a única coisa que encontraram foi a periclitante pen de uma DJ, que tocava sem ter ali à mão o comprovativo de aquisição de um dos discos (que existia e foi mostrado à polícia).

Então não deve ser disso.

As dúvidas mantêm-se, visto que não fomos dignificadas com uma única justificação, para nenhuma das invasões policiais, até hoje.

O que levou esta esquadra de Loures a concentrar tantos esforços nesta simpática associação cultural, dividida entre conseguir pagar a renda e tentar garantir preços justos a todos os presentes, de quem trabalhava a quem frequentava, sem tirar dali um centímo de lucro? E o que justifica a impunidade dos Pingos Doces, com lojas em cada recanto deste país e lucros milionários, construídos entre ilegalidades, às costas de mais de 30 mil trabalhadores exaustos e mal pagos?

Talvez justamente isso.

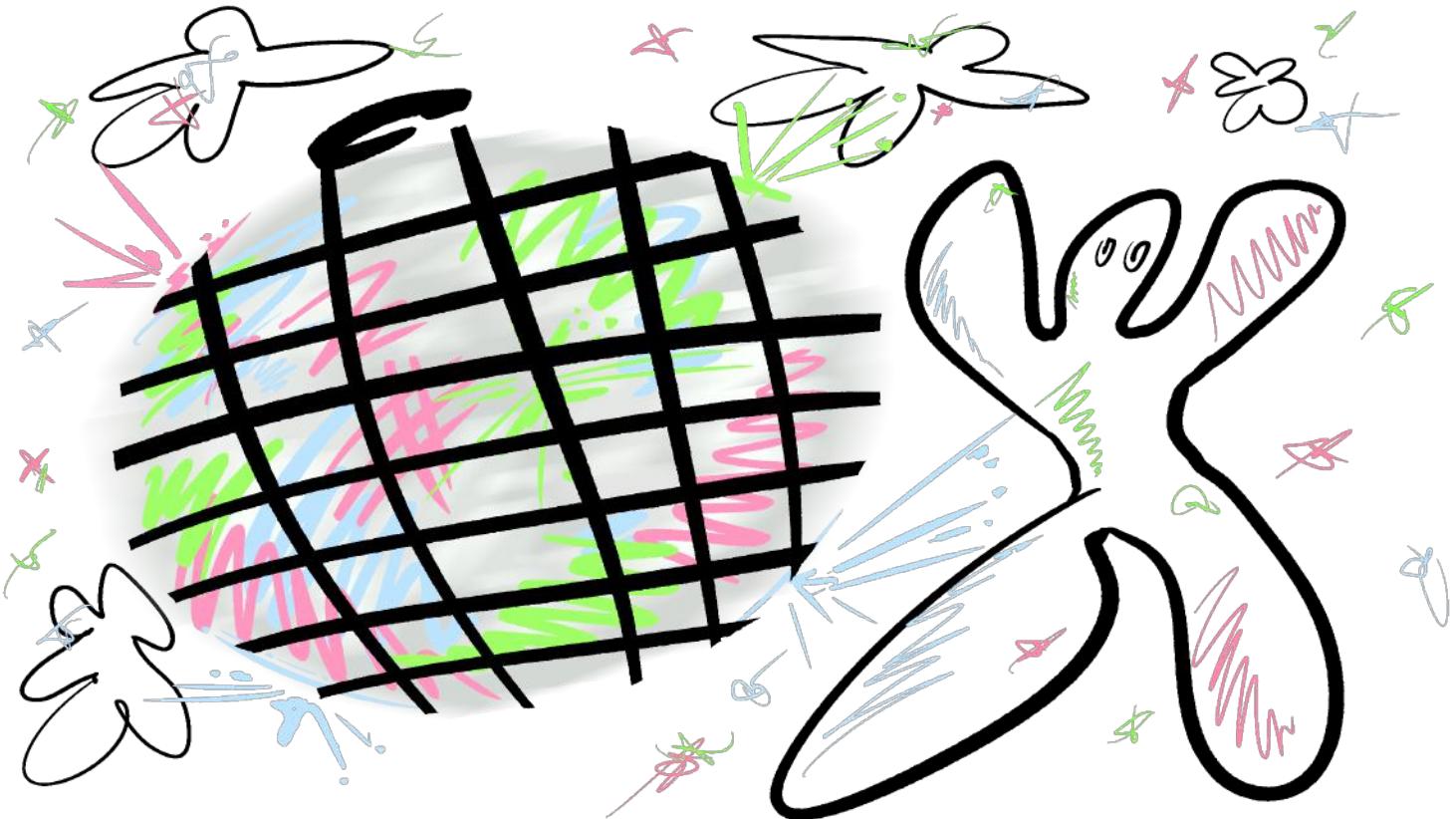
Talvez possa ser mesmo assim de simples: estávamos só ali a fazer a nossa cena.

Numa época histórica em que nos vendem, dos supermercados à cultura, a ausência de alternativa, onde tudo nos é apresentado como se resultante de uma decisão divina de indiscutível sabedoria e racionalidade, fazer a nossa cena representa um enorme risco – económico, social, civilizacional!

E além do risco que assumimos para nós, ainda havia o risco de contágio: e se, de um dia para o outro, todos decidissemos que temos uma palavra a dizer no rumo dos acontecimentos, rejeitássemos este mundo pré-fabricado que nos apresentam, e reclamássemos a liberdade de participar, construir, transformar em realidade os espaços que imaginamos?

Além de assustador, para dizer o mínimo, que trabalheira! Não será mais eficiente, pergunto, deixar as decisões sobre o que produzir e vender, em que quantidades, quando, como, onde e de que forma, nas mãos do menor número de pessoas possível, evitando debates e discussões intermináveis entre vontades e desejos distintos?

Eles no fim até nos dão a liberdade de escolher o que consumir!



Som, Corpo, Conhecimento e Presença

Breve Ensaio Clubber por Mandacaru

«O problema hoje em dia do ser humano é que a nossa subjetividade nunca ganha sentido. O sujeito está sempre cindido, sempre dividido, sente sempre que lhe falta alguma coisa. Uma pessoa pode passar anos na terapia a resolver isso. Ou tornar-se raver.»
McKenzie Wark in Raving, 2025, p. 65.

McKenzie Wark, em Raving, problematiza a falta de sentido subjetivo na individualidade contemporânea – vivemos em permanente fragmentação, nunca na sua inteireza. Pode-se sempre tentar trabalhar isso em terapia, ou podemos tornar ravers. Gostaria de trazer alguma reflexão sobre esta citação em particular, uma reflexão urgente num momento em que a vida noturna lisboeta enfrenta o encerramento de espaços e a constante ameaça policial sobre tudo o que se afasta da norma branca, masculina e heteronormativa e após mais umas eleições fracassadas.

A recente edição de Raving pela Orfeu Negro vem reforçar a necessidade de uma consciência social e cultural sobre o que a club culture representa e reforçar também a esperança para que esta consciencialização se expanda.

Persistem, porém, preconceitos em torno da pista de dança, frequentemente vista como um fenômeno artístico secundário que não concebe mais nada do que a sua funcionalidade que, à primeira vista, permite vislumbrar: ocasião para dançar. Esse olhar externo arruma a pista de dança e a sua música enquanto fenômeno secundário e é esse desprezo artístico que, entre outras coisas, mantém um discurso que insiste em relegar a cultura noturna a um reduto de marginalização, projetando nela o que entende como o «desconhecido» e o «perigoso». Wark oferece-nos, contudo, uma alternativa: responder à falta de sentido com a rave, lugar onde o corpo reencontra a presença, para de dentro dela reconectarmos a multiplicidade de sentidos que pode tomar.

Noutro ponto desta reflexão, Hans Ulrich Gumbrecht, em Produção de Presença – o que o sentido não consegue transmitir (2010) ajuda a compreender este gesto ao propor o conceito de presença como contraponto à obsessão moderna pelo sentido. A cultura ocidental construiu-se sobre a ideia de que o mundo existe para ser interpretado, revelado, explicado — uma herança colonial e científica que separou o sujeito eurocentrado do mundo. Gumbrecht sugere o contrário: numa cultura de presença, o corpo é a nossa forma de estar-no-mundo, e basta-se enquanto tal. Assim, à fragmentação do eu que Wark identifica, a rave responde com a experiência da presença: o corpo e o som fundem-se num mesmo acontecimento. A pista de dança torna-se uma cosmologia onde a corporalidade lhe é inerente, e não colocada como externa — encapsulada no conceito de «vibe», a «epifania» da rave é sensorial, e, por isso, incompreendida por um olhar normativo cuja autorreferência continua a ser a mente. Todo o significado que advém da rave é um sentido atribuído após a experiência, e nunca antes, ou de fora dela.

Mais do que fuga ou alienação, a rave é uma forma de conhecimento — um saber do corpo que escapa à linguagem, mas que produz comunidade e consciência. Talvez o «tornar-se raver» seja exatamente isso: reconciliar-se com a presença, encontrar um sentido que não seja fundado na mente, mas no corpo e na experiência. Pode parecer contraditório, mas talvez seja essa mesma contradição que mantém os corpos em ressonância e movimento.



CELESTE

Kadeirado: uma mini-playlist anotada

X-Cetra – Speechless

Ainda não fui capaz de tirar o queixo do chão, depois de o ver cair perante a maravilhosa surpresa deste ano que é a compilação das X-Cetra lançada pela Numero Group. Quatro raparigas californianas (entre os 9 e os 11 anos) e um produtor alemão desconhecido (Künstler Treu) criaram, na viragem de século, uma obra-prima da Y2K pop disposta de recursos essencialmente caseiros? Esta deve ser uma das mais felizes histórias de toda a música DIY deste século. Contudo “Summer 2000” é muito mais que a peculiar história que traz consigo: é a prova clara de que a qualidade de um disco pode não ter mesmo nada a ver com o dinheiro investido no mesmo. Inclui 11 faixas e não encontro uma só que soe descartável. “Speechless” ainda assim merece destaque por ser um banger incontornável de 1 minuto e meio.

XTC – Travels in Nihilon

Mais uma banda com o nome começado por X. Na primeira vez que ouvi “Travels in Nihilon” a tocar na rádio fiquei logo com uma impressão forte do tema. Tem uma força bélica que é quase impossível de ignorar, quase como uma notícia tremendamente chocante a passar na televisão. Arecio a elasticidade estética dos XTC, que continuam a surpreender-me com malhas como esta à medida que os descubro. Esta pode muito bem ter sido um template para os Nine Inch Nails e bandas semelhantes. Soa a caravana gigante a caminho do inferno.

Muslimgauze – Bagdad

Ocorre-me pensar em como Muslimgauze teria reagido musicalmente aos acontecimentos vividos na faixa de Gaza durante os últimos anos, ao sabermos que, em vida, foi um dos mais incansáveis e acérrimos defensores da causa palestiniana. Mais que isso até: os seus discos ainda hoje soam vigorosos e fascinantes no universo da música de resistência (talvez mais do que nunca). Sem ser um conhecedor aprofundado da sua vasta obra, gosto bastante do “Baghdad”, lançado em 2000 em CD, e em especial da sua faixa-homónima. Aquele dub carregado de frequências ruídosas e interferências de rádio (em constante entre e sai) é um jogo cerebral que mexe bastante comigo.

Lil Jabba – Grotto

Outra faixa-homónima de que gosto: “Grotto” do álbum com o mesmo nome do Lil Jabba, lançado em 2016. Dubstep com atmosfera de catacumbas e quase tudo a acertar na produção.



QUÂNTICA

Ilustração por Kadeirado

Lil Peep – Drive By

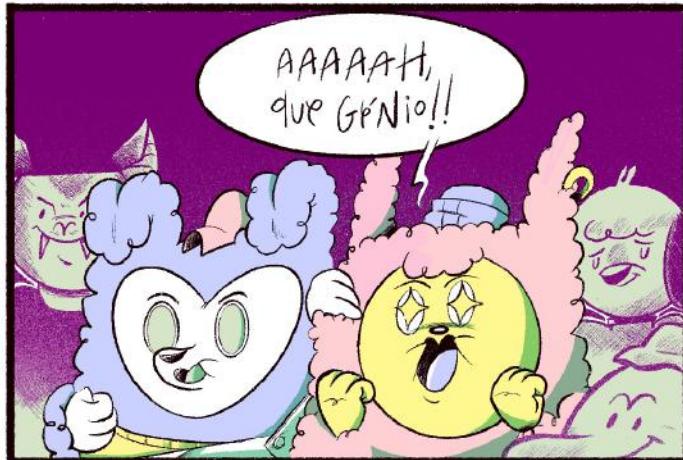
O Lil Jabba leva-nos ao Lil Peep. Já perdi a conta ao número de vezes em que ouvi a intro da “Drive By” do Lil Peep. É um fascínio que nunca adormece. Se o normal é ouvir a mesma faixa em repeat, esta é uma introdução que merece a sua própria escuta obsessiva. Há qualquer coisa naquele loop ruidoso que sugere logo de início uma sensação de tragédia por acontecer na noite. Quando o Lil Peep entra com o emblemático verso “Motorola phone, I ain’t going home”, fica então completo todo o quadro fatalista. Tudo isto em pouco mais de meio minuto. Brilhante música evocativa.

Fever Ray – Keep the Streets Empty for Me

Como estamos no que toca a mais obsessões? O tempo ajudou-me a entender que gosto muito mais de Fever Ray do que de The Knife. A razão principal para isso acontecer terá a ver com o debute homónimo de Fever Ray de 2009 ser ainda hoje um disco a que volto muito mais do que, por exemplo, ao “Silent Shout” de Knife. Esse primeiro álbum é extremamente equilibrado, fluído e tem o número de faixas perfeito para um longa-duração (dez). Escuto muitas vezes “Keep the Streets Empty for Me” antes de ir dormir e soa-me sempre a música perfeita para desligar do dia que termina.

Blondes – Pleasure (Andy Stott Remix)

Termina também aqui esta mini-playlist acompanhada por alguns apontamentos. Não me lembro de gostar especialmente do Andy Stott, até mesmo quando estava mais na berra com aquela série de discos bem influentes na Modern Love. A sua regularidade como produtor era de facto notável ainda assim. Um dia destes esta sua remistura começou a tocar no momento certo e bateu forte com o seu minimalismo assombrado e inquietante. Quase não entra luz aqui. Talvez seja a altura certa para revisitar “Passed me by” ou “Luxury Problems” ou então só mesmo para ligar o stream da Quântica. ;)





DURMANIA

21st Dec.

15h-20h

fogo fátuo

ambient and introspection hosted by marum

carolf
marum

Vibrational Arts (live)

Rádio Quântica
Tv. Giestal 2A, Lisboa



LÜZES

Concertos ao vivo da Rádio Quântica.



12 de Dezembro, 20h
Travessa do Giestal 2A, Lisboa
ou em radioquantica.com